



B1

ISSN: 2595-1661

ARTIGO DE REVISÃO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>

ISSN: 2595-1661

Revista JRG de
Estudos Acadêmicos

Atuação da enfermagem no acompanhamento da criança do transtorno autista

Nursing performance in monitoring children with autism spectrum disorder

DOI: 10.55892/jrg.v7i14.1034

ARK: 57118/JRG.v7i14.1034

Recebido: 20/04/2024 | Aceito: 20/04/2024 | Publicado *on-line*: 25/04/2024

Ayrana Rocha Braz¹

<https://orcid.org/0009-0000-4450-8007>

<http://lattes.cnpq.br/0760008088338591>

Centro Universitário CESMAC, AL, Brasi

E-mail: castrocaroliny7@gmail.com

Anny Caroliny Castro Carvalho²

<https://orcid.org/0009-0002-9194-9459>

<http://lattes.cnpq.br/2474440084746671>

Centro Universitário CESMAC, AL, Brasi

E-mail: ayranarochabraz@gmail.com

Jandson de Oliveira Soares³

<https://orcid.org/0000-0002-3964-2268>

<http://lattes.cnpq.br/5027886166561621>

Centro Universitário CESMAC, AL, Brasi

E-mail: jandson.oliveira@cesmac.edu.br

Alessandra Nascimento Pontes⁴

<https://orcid.org/0000-0001-8064-2991>

<http://lattes.cnpq.br/2333011156292736>

Centro Universitário CESMAC, AL, Brasi

E-mail: profanpontes@gmail.com



Resumo

Introdução: A motivação para a realização deste estudo, surgiu a partir da participação em um projeto sobre crianças com autismo. Um aumento nos casos de crianças diagnosticadas com transtorno do espectro do autismo (TEA) foi relatado em vários países. Este processo levanta muitas questões, desde os métodos de rastreamento até à qualidade dos cuidados prestados pelos profissionais enfermeiros. **Objetivo geral:** o objetivo deste estudo é, descrever a atuação da enfermagem diante da criança com espectro autista. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa de abordagem qualitativa e de cunho descritivo. Para tanto, foram utilizadas as seguintes bases de dados: Latino-Americana e Caribenha Banco de Dados de Literatura em

¹ Graduanda do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Cesmac

² Graduanda do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Cesmac

³ Enfermeiro egresso da Faculdade Estácio de Alagoas. Especialista em Urgência, Emergência e UTI pela Unifip de Pattos. Docente do Centro Universitário- CESMAC. Tutor da Liga acadêmica de inovação em saúde-LITEC. Mestre em enfermagem pelo programa de pós-graduação em enfermagem- PPGENF da Universidade Federal de Alagoas- UFAL na linha de pesquisa em saúde da criança e transtorno do espectro autista. Membro vice-líder do Grupo de estudo e pesquisas na inovação, gestão e tecnologia nas ciências da saúde

⁴ Graduada em Enfermagem e Obstetrícia pela Universidade Federal de Alagoas. Especializações Relevantes: Metodologias Digitais (Faculdade São Leopoldo Mandic) Programas de Residência Multidisciplinar no SUS (Sirio Libanês) Simulação Realística (Albert Einstein) Docência do Ensino Superior (CESMAC) Educação Profissional na Área de Saúde (FIOCRUZ) Urgência e Emergência (UNCISAL) Pós-Graduação: Mestrado em Modelagem Computacional (UFAL) Doutorado em Distúrbio do Desenvolvimento (DINTER MACKENZIE/CESMAC).

Ciências da Saúde (LILACS), *National Library of Medicine* (MEDLINE) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Foram selecionados artigos publicados no período de 5 anos. **Resultados:** Em uma amostra de 205 artigos encontrados. Após foram excluídos mais 76 artigos, pelo fato de não terem relação com o problema do trabalho, restando apenas 8 artigos. **Discussão:** Constatou-se que a enfermagem é um vetor importante para o progresso, no sentido da realização do direito à plena inclusão social da criança com TEA. Baseado nas evidências verificadas através das bibliografias consultadas nesse estudo, pode-se compreender que é necessário incluir as crianças com TEA nas políticas públicas de saúde, a partir das ações dos profissionais de enfermagem. **Conclusão:** Apesar dos avanços significativos na política de saúde voltada às pessoas com TEA, o Sistema Único de Saúde (SUS), ainda precisa superar muitos obstáculos, como as restrições orçamentárias, e com isso buscar investir mais nas políticas de saúde mental e priorizar os serviços comunitários em detrimento dos hospitais e postos de saúde psiquiátricos.

Palavras-chave: Autismo. Enfermagem. Criança. TEA.

Abstract

Introduction: *The motivation for carrying out this study arose from participation in a project about children with autism. An increase in cases of children diagnosed with autism spectrum disorder (ASD) has been reported in several countries. This process raises many questions, from screening methods to the quality of care provided by professional nurses.* **General objective:** *the objective of this study is to describe nursing actions towards children with autism spectrum disorder.* **Method:** *This is an integrative review with a qualitative and descriptive approach. To this end, the following databases were used: Latin American and Caribbean Health Sciences Literature Database (LILACS), National Library of Medicine (MEDLINE) and Scientific Electronic Library Online (SciELO). Articles published over a 5-year period were selected.* **Results:** *In a sample of 205 articles found. Afterwards, another 76 articles were excluded, as they were not related to the work problem, leaving only 8 articles.* **Discussion:** *It was found that nursing is an important vector for progress, towards realizing the right to full social inclusion of children with ASD. Based on the evidence verified through the bibliographies consulted in this study, it can be understood that it is necessary to include children with ASD in public health policies, based on the actions of nursing professionals.* **Conclusion:** *Despite significant advances in health policy aimed at people with ASD, the Unified Health System (SUS) still needs to overcome many obstacles, such as budget restrictions, and thus seek to invest more in mental health policies and prioritize community services to the detriment of hospitals and psychiatric health centers.*

Keywords: *Autism. Nursing. Child. TEA.*

1 Introdução

A motivação para elaboração desse estudo surgiu devido a uma participação de um projeto sobre crianças autistas. No entanto, o objeto de estudo deste trabalho de conclusão de curso, debruça-se na temática sobre a atuação da enfermagem diante da criança com espectro autista.

O ano de 2020 foi consagrado como um ano histórico para as pessoas portadoras da Transtorno do Espectro Autista (TEA), pois foi aprovada a Lei nº 13.977 que regulamenta a emissão de Carteira de Identidade para Pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo (CipTEA). A nova Legislação modificou a Lei Berenice Piana, nº 12.764 de 2012, ampliando os direitos do pessoal com Transtorno do Espectro Autista (TEA) (APAE, 2023).

De acordo com a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), a Lei nº 13.977 de 2020 mencionada anteriormente foi batizada de Lei Romeu Mion, filho do ator e apresentador Marcos Mion, o qual é portador do TEA e serviu de inspiração para a criação da Lei. Conforme relatado por Becker (2021), uma das principais conquistas com a aprovação da Lei Romeu Mion foi o fato de garantir que todos os indivíduos portadores de TEA gozem de cuidados integrais, pronto atendimento, bem como ter prioridade nos atendimentos em instituições públicas e privadas, sobretudo em estabelecimentos de saúde, educação e assistência social em geral (APAE, 2020).

Como medida de tratamento do TEA, várias políticas públicas foram implementadas no Brasil. Uma dessas medidas foi estabelecida em 2002 com a criação do Centro de Atenção Psicossocial Infantil e Adolescente (CAPSi) (NICOLETTI e HONDA, 2021). A principal missão do CAPSi está centrada no cuidado a todas as crianças e jovens com autismo. De acordo com Nicoletti e Honda (2021), o CAPSi se trata de um serviço de atendimento de rotina e suas atividades incluem: atendimento individual, grupal ou familiar, visitas domiciliares, atividades de integração social, atividades socioculturais, oficinas terapêuticas e esportivas.

Posteriormente, com a promulgação da Portaria nº 324 do Ministério da Saúde, de 31 de março de 2016, que aprovou protocolos clínicos e diretrizes de tratamento para comportamento de indivíduos com transtorno do espectro autismo, o diagnóstico passou a ser clínico e diferencial. As diretrizes acrescentam que, por se tratar de uma síndrome com ampla gama de manifestações sintomáticas, é necessário fornecer mais informações para completar o diagnóstico, como por exemplo, o nível de comunicação verbal e não verbal, nível intelectual, ampliação de áreas de interesse, formação familiar e educacional (NICOLETTI e HONDA, 2021).

Conforme evidenciado pelo resultado do estudo de Freitas et al. (2022), a prevalência do TEA é de aproximadamente entre 1% a 2% de crianças e adolescente no mundo, sendo os homens mais afetados do que as mulheres, em uma média de 4 meninos para 1 menina. Esses dados são resultado de uma pesquisa internacional realizada com dados da Europa, Ásia e Estados Unidos, dos últimos anos, observou-se um aumento significativo no número de casos diagnosticados com TEA.

Crianças com transtornos do espectro do autismo apresentam desenvolvimento físico normal, mas apresentam grande dificuldade em estabelecer relacionamentos sociais e emocionais. Aconselhe as pessoas a evitarem o contato físico direto com crianças autistas, pois as crianças autistas veem tudo ao seu redor como uma ameaça e tornam-se agressivas quando se sentem ameaçadas (VANDERLEY, 2021).

Vanderley (2021) destaca que é importante que os pais e responsáveis respeitem os limites dos seus filhos para que eles não se coloquem em perigo ou

assustem as pessoas ao seu redor. Não existem testes clínicos ou de imagem que possam ajudar a diagnosticar o autismo. Os médicos geralmente levam em consideração o histórico clínico do paciente, as observações comportamentais e os relatos dos pais. A partir de então, a criança estará sujeita aos critérios estabelecidos no manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.

De acordo com HOPF et al., (2016), crianças com autismo necessitam que profissionais de saúde desenvolvam habilidades, conhecimentos e estratégias de cuidado individualizadas, para que as intervenções devam ser planejadas e adaptadas ao grau de incapacidade da criança com autismo, desde intervenções farmacológicas até cuidados multidisciplinares que se centram na pessoa como um todo.

O profissional de enfermagem em muitos casos é responsável por contribuir ativamente na observação da criança autista no momento de consultas pediátricas de rotinas. As equipas de cuidados devem saber como se comportar em relação às crianças, às famílias e às comunidades em termos de cuidados acolhedores e inclusivos (MAGALHÃES et al., 2021).

Diante do referencial teórico, surgiu a seguinte questão norteadora: Quais os desafios da atuação da enfermagem no acompanhamento da criança com do espectro autista? Logo o objetivo deste estudo é, descrever a atuação da enfermagem diante da criança com transtorno do espectro autista.

2 Metodologia

Trata-se de uma revisão integrativa de abordagem qualitativa e de cunho descritivo, que tem como meta a descoberta da relação entre a simulação clínica e o aprendizado de acadêmicos e profissionais de enfermagem. Esse método de pesquisa busca a sintetização dos resultados, concomitantemente à análise sistemática e ordenada sobre o tema investigado, sendo elas: elaboração da pergunta norteadora, de acordo com a estratégia PICO, busca ou amostragem na literatura, coleta de dados, análise crítica dos estudos selecionados, discussão dos resultados e apresentação da revisão (SOUSA et al., 2017).

As pesquisas descritivas têm como finalidade principal descrever características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis, capturando e demonstrando situações percebidas. Já a abordagem qualitativa, quando empregada no estudo, permite que os pesquisadores captem, não somente a aparência do fenômeno estudado, como também suas essências, objetivando explicar sua gênese, relações e mudanças, na tentativa de intuir as consequências (OLIVEIRA, 2011).

Foi utilizado uma pesquisa em diferentes bases de dados para responder ao questionamento levantado pelo problema do presente estudo, o qual indaga a respeito da atuação da enfermagem no acompanhamento da criança com síndrome do espectro autista. Para tanto, foram utilizadas as seguintes bases de dados: Latino-Americana e Caribenha Banco de Dados de Literatura em Ciências da Saúde (LILACS), *National Library of Medicine* (MEDLINE) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), no período de entre fevereiro a março de 2024.

Os descritores utilizados durante a busca na literatura foram: coloque aqui os descritores que será usado os quais, sendo na língua portuguesa, foram consultados e ratificados nos DeCS (Descritores em Ciências da Saúde), e, estando na língua inglesa, examinados no MeSH (*Medical Subject Headings*). Todos estes subsidiados pelo operador booleano “AND”, no intuito de haver intersecção entre os descritores supracitados, formando assim a seguinte conexão: Autismo AND enfermagem AND

“criança” AND “TEA”. Além do operador booleano, utilizou-se as aspas (“) nos termos duplos, objetivando delimitar melhor os prováveis resultados da busca.

Adotou-se como critérios de inclusão: artigos científicos com texto completo, nos idiomas português, inglês e espanhol, com base nos descritores selecionados e publicados entre os anos de 2019 a 2024, os quais abordam sobre a temática proposta.

Como critérios de exclusão, delimitou-se: artigos repetidos nas bases de dados, dissertações, teses, títulos duplicados e estudos que abordassem sobre a simulação clínica relacionada à equipe multidisciplinar ou nos quais as simulações ocorreram em âmbito virtual.

Os dados foram selecionados obedecendo ao grau e importância para o desenvolvimento da pesquisa, e para isso, foi feita uma análise minuciosa referente ao objeto de estudo de cada artigo catalogado.

Para análise dos artigos, utilizou-se o método de análise de conteúdo proposto por Bardin. Este método é um dos principais instrumentos referidos em estudos qualitativos, por utilizar parâmetros para consolidar a interpretação dos dados coletados. Essa técnica compreende três etapas: fase de pré-análise, que visa a organização e familiaridade da interpretação do material; fase de exploração do material, esta consiste na descrição analítica, com objetivo de codificar e categorizar os recortes; e a última fase, que é o tratamento dos resultados obtidos, na qual ocorre uma interpretação dos resultados com intuito de serem significativos e válidos para a pesquisa proposta (BARDIN, 2011; URQUIZA e MARQUES, 2016).

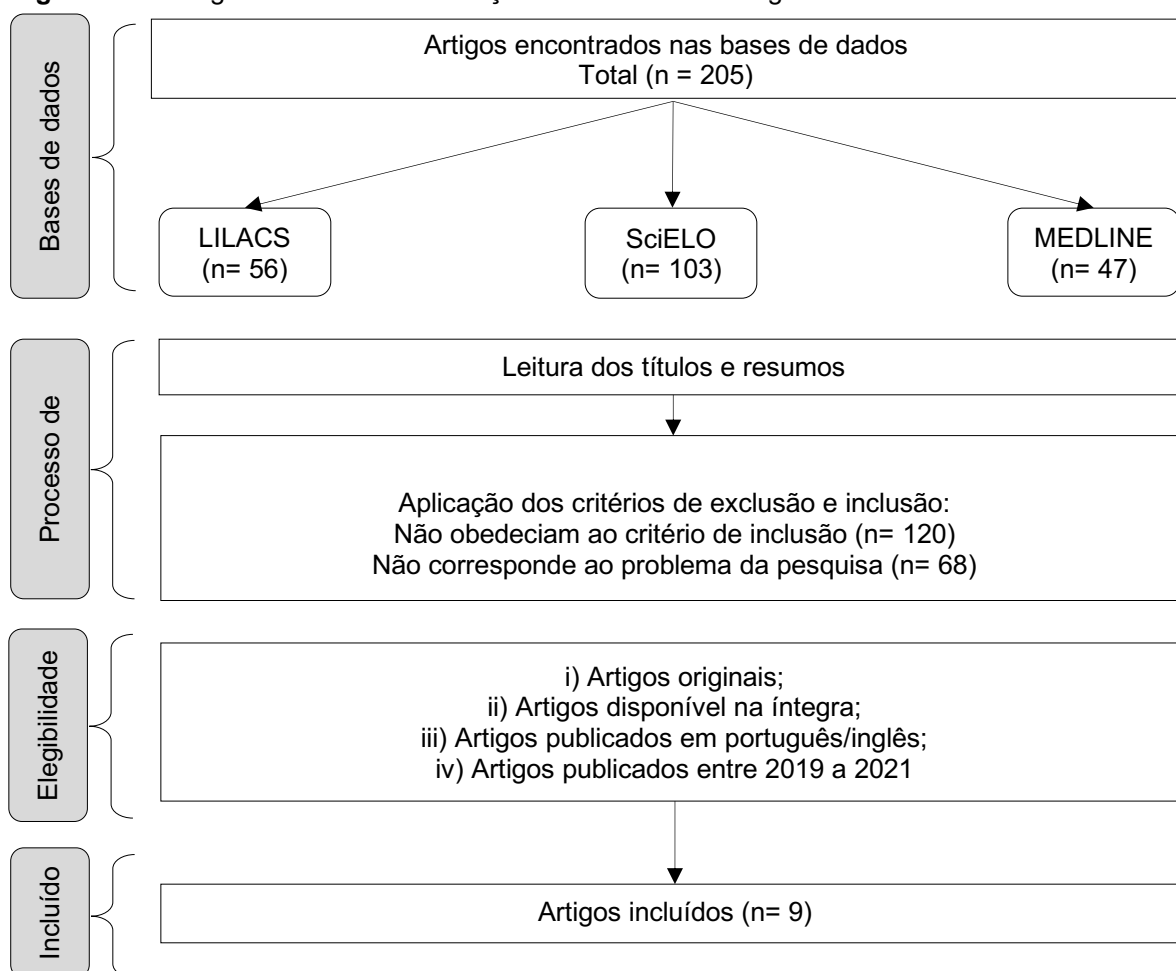
Por conseguinte, por se tratar de uma revisão integrativa e, portanto, os dados utilizados serem exclusivamente secundários e de acesso livre, não envolvendo pesquisa direta com seres humanos em nenhum momento de sua construção, não há necessidade da apreciação pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) e pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) para seu desenvolvimento.

Por último foram analisados os achados mais significativos a respeito da atuação da enfermagem no acompanhamento da criança do espectro autista, e a partir daí, enfatizar os resultados coletados nos dados contidos em trabalhos que fazem menção ao tema abordado, e em seguida foi descrito as evidências científicas sobre o contexto aqui estudado.

3 Resultados

Em uma amostra de 205 artigos encontrados, foram excluídos, de acordo com os critérios de elegibilidade, 121 artigos por não obedecerem aos critérios estabelecidos na metodologia do estudo, restando 84 artigos selecionados para análise. Após foram excluídos mais 75 artigos, pelo fato de não terem relação com o problema do trabalho, restando 9 artigos para a discussão do artigo.

Os artigos catalogados foram sistematizados de acordo com as sugestões do *Preferred Reporting Items For Systematic Reviews and MetaAnalyses* (PRISMA) (PAGE et al., 2020). Os procedimentos para de exclusão e inclusão dos artigos completo podem ser visualizados no fluxograma da Figura 1.

Figura 1 – Fluxograma PRISMA de seleção da amostra dos artigos e critérios de inclusão e exclusão.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).

Após a coleta dos artigos, foram realizadas análises preliminares das bibliografias catalogados, com o objetivo de excluir os artigos que não obedeceram aos critérios preestabelecidos segundo aos critérios de inclusão e exclusão adotados, e por isso, foram eliminados artigos não indexados, estudo piloto, ou seja, estudos onde a metodologia esteja submetida a teste, artigos incompletos e artigos que não obedeciam à condição relacionada ao contexto estudado.

Tabela 1-Artigos mais relevantes utilizados no tópico discussão da pesquisa.

Autor	Revista/Ano	Objetivo	Principais Resultados	Conclusão
Austria co et al.	Fronteiras em Pediatria/2019	Identificar potenciais lacunas de conhecimento que estavam presentes entre estudantes de medicina e estagiários pediátricos	Estudantes de medicina e pediatras relataram um baixo conhecimento geral de TEA e não estavam familiarizados com questões sensoriais que estão frequentemente presentes nessas crianças.	Uma lacuna de conhecimento percebida e desconforto está presente entre estudantes de medicina e estagiários pediátricos sobre o manejo de crianças com TEA
Ferreir a e Theis	Saúde e Desenvolvimento /2021	Descrever a participação dos profissionais enfermeiros na assistência às crianças com Transtorno Espectro Autista	Os resultados indicaram que as contribuições do enfermeiro ocorrem desde a primeira consulta, por intermédio da aplicação de escalas e avaliação de sinais e o que auxilia no diagnóstico precoce. A investigação demonstra, também, a importância da enfermagem no ambiente escolar e no processo de autocuidado apoiado da criança com TEA	O diagnóstico precoce influencia diretamente no tratamento e plano de cuidados. Ademais, a educação permanente para formação e capacitação dos enfermeiros é essencial para a assistência a essas crianças
Hofzm ann et al.	Enfermagem em Foco / 2019	Conhecer a experiência dos familiares no convívio de crianças com TEA	A partir da análise dos dados surgiram três categorias: a descoberta do autismo; experiências dos familiares após o diagnóstico de autismo e atendimento em saúde da criança com autismo	Foi possível verificar a falta de assistência prestada pelo SUS e do profissional enfermeiro. Onde há longa espera por consultas com especialistas, e falta de informação e participação ativa do enfermeiro no que tange o desenvolvimento infantil e o acolhimento a família.
Sousa et al.	Saúde e Pesquisa/2019	Descrever uma reflexão acadêmica acerca da enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar	A experiência vivenciada superou as expectativas pré-estabelecidas para um estágio, tendo em vista que os maiores benefícios desta experiência foram a oportunidade gratificante de zelar diariamente pela	Os pais de crianças com TEA experimentam níveis elevados de estresse, depressão e ansiedade. A

			saúde biopsicossocial de uma criança autista	família se sente incapaz diante do desafio de ajustar seu tempo, planos e expectativas quanto ao futuro e às necessidades da criança.
Nascimento et al.	Revista Eletrônica Acervo Enfermagem / 2022	Descrever os diagnósticos e as intervenções de enfermagem em crianças com transtorno do espectro autista fundamentados em taxonomias de enfermagem e na teoria do autocuidado	Isolamento social, falta de motivação e dependência para execução de atividades constituíram os principais problemas levantados. As afirmativas diagnósticas que possibilitaram a estruturação de 27 intervenções de enfermagem, compreenderam o déficit no autocuidado para alimentação, banho e higiene íntima.	A capacidade para o autocuidado esteve comprometida, requerendo estratégias de enfermagem efetivas voltadas para a criança e para os familiares.
Redon et al.	Revista Baiana de Enfermagem/2019	Desvelar sentidos de mães na convivência com filhos acometidos pelo transtorno do espectro autista (TEA)	As mães significaram que a convivência trazia aprendizado, mudanças como ser humano e busca por saber tudo a respeito de autismo; e não conseguir trabalhar, por ter de cuidar do filho, sentir-se excluída e sobrecarregada	Preocupando-se em oferecer o melhor de si, sentia-se distante do cuidado consigo e com suas relações sociais e familiares. Do mesmo modo, pela fragilidade da rede de apoio social, tornava-se vulnerável biopsicosocioespiritualmente.
Barbosa; Silva e Brandão	JNT Facit Negócios e Revista de Tecnologia/2023	Discutir a importância do diagnóstico precoce do TEA; debater a possibilidade de se obter uma identificação precoce dentro das consultas de puericultura	Como parte de uma equipe multidisciplinar e responsável por esse acompanhamento, o enfermeiro avalia o desenvolvimento da criança para detecção precoce de anormalidades e toma medidas decisivas para melhorar a qualidade de vida.	Com a enfermagem devidamente capacitada, um maior número de crianças poderá diminuir os riscos de um diagnóstico tardio.
Nunes et al.	Rev. Investigação, Sociedade E Desenvolvimento/2020	Descrever aspectos relacionados ao cuidado de enfermagem à criança com autismo	Todos os itens sobre alterações primárias na detecção precoce do espectro autista, tais como a atenção aos sinais e sintomas comuns de desordem, uma lesão ou contato visual reduzido,	Fatores ambientais e genéticos estão relacionados à fisiopatologia dos distúrbios, bem como aos antipsicóticos,

			baixo interesse em pessoas, movimentos estereotipados e dificuldade ou ausência de fala; mesmo cuidados após o diagnóstico	uma alternativa de medicação complementar, que são, a qual é utilizada para o controle das manifestações clínicas utilizadas pelos profissionais e a assistência de enfermagem é fundamental no acompanhamento do paciente
Viana et al.	Revista CPAQV – Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida / 2021	Identificar no acervo literário as estratégias de atuações do enfermeiro com mães de crianças com TEA	Observou-se três categorias de análise: Apoio de enfermagem à mãe com o filho autista, Impacto do Diagnóstico, Percepção das Mães com Terapia de grupo para crianças autistas.	O presente estudo permitiu identificar que o enfermeiro possui grande importância no apoio ao diagnóstico e no acompanhamento de crianças com TEA e seus familiares, atuando com a educação em saúde e sendo considerado o elo entre a família e os demais profissionais da saúde envolvidos no cuidado de seu filho com TEA.

Fonte: Autoras (2024).

4 Discussão

Os profissionais de saúde que trabalham com pessoas autistas ao longo da vida e em todos os ambientes desempenham um papel importante no reconhecimento do autismo e no fornecimento de orientação apropriada para os serviços. Devido ao papel que os profissionais de enfermagem desempenham no diagnóstico das crianças com TEA (AUSTRÍACO *et al.*, 2019).

Os enfermeiros que atuam nas unidades de atendimento de atenção primária, de acordo com Austríaco *et al.* (2019), podem apoiar pessoas com TEA. O diagnóstico precoce, reconhecer e se sintonizar com comportamentos e preocupações parentais relatados que possam sugerir TEA pode ajudar os enfermeiros de saúde a identificar crianças que possam necessitar de avaliação diagnóstica adicional, uma vez que a detecção precoce pode contribuir para melhorar a qualidade de vida das crianças com TEA.

Os enfermeiros, conforme relatado por Ferreira e Theis (2019) precisam desenvolver técnicas e habilidades de comunicação para atender às necessidades

dos pacientes com autismo. Isso porque é uma ferramenta para garantir a qualidade do processo de enfermagem. Além disso, seu papel é orientar a família e se comunicar com a criança no ambiente doméstico para estimular a interação com as pessoas com quem a criança convive. O desenvolvimento de habilidades de comunicação pode mudar os hábitos das crianças, integrá-las à sociedade e, assim, melhorar a sua qualidade de vida.

Existe disponível uma série de ferramentas disponíveis para os profissionais de saúde para auxiliar no diagnóstico de TEA. Barbosa; Silva e Brandão (2023) salientam que a avaliação de criança com suspeita de TEA deve ser estruturada e incluir análise multidisciplinar. Dessa maneira, cada caso é tratado individualmente, possibilitando a implementação de um processo de tratamento, que incluem diversos profissionais de acordo a cada necessidade para cada caso específico. Para o diagnóstico da TEA, existem disponíveis diversas ferramentas para realizar a avaliação, entretanto, cabe aos especialistas tomar a decisão sobre o que é mais adequado para cada situação. Dentre as diversas ferramentas para o diagnóstico do TEA, pode-se ser conferido na tabela 2.

Tabela 2-Ferramentas utilizadas para o diagnóstico do TEA.

Ferramenta de diagnóstico	Procedimento	Autor do método
ADI-R (Entrevista para Diagnóstico do Autismo – Revisada)	Uma entrevista diagnóstica direcionada a crianças a partir de 5 anos, até o princípio da vida adulta, tendo uma idade mental de 2 anos. Desde 1994, quando passou por uma revisão, o ADI-R foi modificado e ajustado para avaliar crianças a partir do 18 mês. É composto por cinco seções, as perguntas introdutórias, questões sobre a comunicação, o desenvolvimento e o brincar, comportamentos repetitivos e restritivos, e todo tipo de problemas de comportamento.	Michael Rutter, Ann Le Couteur e Catherine Lord (1989)
CARS (Childhood Autism Rating Scale)	Esse método diagnóstica, difere de outros transtornos e principalmente classifica quando ao grau de comprometimento. É composto por 15 itens com escores que vão de 15 até o 60. “Os pacientes são subdivididos em 3 grupos para a classificação do transtorno: Sem autismo (escore entre 0 e 29), Autismo leve / moderado (escore entre 30 e 36) e Autismo severo (escore entre 37 e 60)”	Schopler et al., 1980
ABC ou ICA (Autism Behavior Checklist [Inventário de Comportamento Autístico])	É um instrumento complementar ou instrumento Nível 2, já que o mesmo não diagnóstica isoladamente. Esse tipo de rastreamento é feito na população de alto risco, requerendo do profissional um tempo maior em sua aplicação e interpretação (Lederman, 2015, pp. 33-34). Também é uma entrevista, porém é realizada com os pais ou cuidadores, lista 57 comportamentos incomuns que são sintomas de autismo.	Krug et al. (1980)
M-CHAT (Modified Checklist for Autism in Toddlers)	É um instrumento Nível 1, que pode ser utilizado na população geral ou em pessoas com baixo risco para distúrbios. Destinado a crianças de 16 e 12 meses, o M-CHAT não resulta em valor diagnóstico, pois tem o intuito de identificar casos suspeitos para uma avaliação posterior. Sua avaliação analisa as respostas sensoriais, de comunicação e	Diana Robins, Deborah Fein e Marianne Barton em (1999)

	linguagem, relação social, e atenção compartilhada	
ASQ OU SCQ (Social Communication Questionnaire ou Questionário de Comunicação Social, anteriormente chamado de Autism Screening Questionnaire ou Questionário de Rastreamento do Autismo)	É composto por 40 questões de sim ou não, que rastreiam interação social recíproca, comunicação e linguagem, padrões de comportamento estereotipados/repetitivos e funcionamento da linguagem	Rutter et al. (1999)
ADOS (Autism Diagnostic Observation Schedule- Generic ou Programa de Observação Diagnóstica do Autismo).	Consiste em um cronograma de observações, com sessões de 30 minutos, cada uma feita para ser usada em indivíduos distintos, a depender do seu nível de linguagem expressiva. A programação conta com interação social, brincadeiras que possibilitem a observação de comportamentos espontâneos. A faixa etária destinada é de 5 e 12 anos, com competência na linguagem expressiva de uma criança de 3 anos.	Lord et al., (1989)

Fonte: Adaptada de Barbosa; Silva e Brandão (2023)

Muitos estudos, como por exemplo o de Hofzmann (2019), abordaram a questão da experiência dos familiares no convívio de crianças com TEA e descobriram que as famílias das crianças inicialmente não reconhecem ou às vezes não percebem os sinais do autismo. Este estudo também evidenciou que as famílias afirmam desconhecer o papel do enfermeiro no cuidado à criança com TEA.

Os profissionais de enfermagem, de acordo com Hofzmann (2019), também precisam conhecer os sinais, pois quanto mais precoce o diagnóstico, melhores serão as chances de desenvolvimento da criança. Hofzmann (2019) relatou ainda que as experiências dos cuidadores ao trabalhar com crianças com TEA, possibilitou que os profissionais observassem seu cotidiano, suas dificuldades e sua personalidade. No entanto, segundo Sousa (2019), para que isso ocorra de forma satisfatória e para que a criança progrida, os profissionais devem estar preparados para intervir junto à criança com TEA. A criança deve adaptar sua abordagem para que possa praticar o autocuidado em todas as áreas da vida, a fim de alcançar autonomia no seu cotidiano de acordo com seu potencial.

A capacitação do enfermeiro(a), do modo como salientaram Nascimento et al. (2022), é essencial para proporcionar uma assistência prazeroso e seguro à criança com TEA. É importante que o enfermeiro humanize a observação dessas crianças e estimule os pais no tratamento e orientação, como por exemplo, participando de grupos com outros pais que passam por situações semelhantes. Isso dá às pessoas uma sensação de segurança e permite que elas compartilhem e aprendam com as experiências de outros.

Os profissionais de enfermagem, conforme detalharam Magalhães et al. (2021), estes profissionais devem estar atentos às características e às necessidades das crianças com TEA, prestar cuidado integral e de qualidade, capaz de atender a todas as necessidades de cuidado das crianças com TEA, que contribua para o fortalecimento e ampliação dos vínculos interpessoais. Magalhães et al. (2021) reforçam ainda que os enfermeiros envolvidos tenham de estar capacitados para cuidar dos pacientes e auxiliar seus familiares.

Quanto ao apoio profissional dos profissionais de enfermagem, Rendon et al. (2019) afirmaram que estes profissionais devem se manter centrados no exercício e qualificações profissionais, nos cuidados de saúde para mães e seus familiares que vivem com crianças com TEA. Na função de conselheiros de saúde, os enfermeiros treinados promovem um melhor progresso no vínculo mãe-bebê, controlam melhor as deficiências, fornecem apoio e proteção às mães nas atividades familiares e melhoram a saúde e o bem-estar das crianças com autismo.

Do modo como destacou Viana (2021), a enfermagem desempenha um papel fundamental no processo de diagnóstico do TEA em crianças, fazendo uso de observação e comportamento da criança durante exames, internações e visitas domiciliares. Entretanto, como foi aludido anteriormente, a partilha de informação com os familiares pode ajudar a compreender o transtorno, monitorizar a evolução e avaliar a compreensão dos afetados.

A prática de enfermagem, conforme foi descrito por Nunes (2020) da seguinte forma: A prática de enfermagem inclui atenção à saúde dos pais, diagnóstico e necessidades da criança, autocuidado através da visualização das etapas, engajamento da família, elucidação do mistério do transtorno, respeito à opinião da família, intervenção musical, consulta, avaliação regular, avaliação de sintomas, empatia e acompanhamento regular dos pacientes.

Em relação ao apoio prestado pela equipe de enfermagem, Nunes et al. (2020) afirma que o enfermeiro deve dar apoio à família, deixar claro que a família não é responsável pela deficiência da criança e enfatizar a necessidade de cuidado da criança com TEA. Além do mais, o envolvimento na prestação de tratamento e na construção de redes de apoio é importante.

5 Conclusão

Constatou-se no decorrer do desenvolvimento do estudo, que a enfermagem é um vetor importante no que se refere ao acompanhamento da criança com TEA, no sentido da realização do direito à plena inclusão social da criança com TEA, pois, é fundamental garantir a dignidade e o direito ao acesso de todas as crianças autista ao acompanhamento de aos serviços de saúde.

Baseado nas evidências verificadas através das bibliografias consultadas nesse estudo, pode-se compreender que é necessário incluir a enfermagem com mais evidência nas políticas públicas de saúde, e garantir atenção e provisão adequada para cada caso em específico, dando total apoio em particular às crianças com TEA.

Foi constatado que a atuação da enfermagem no acompanhamento das crianças com TEA é de fundamental importância, pois são as demandas que exigem a intervenção destes profissionais, devendo estes buscar fortalecer os direitos desses indivíduos ao acesso aos serviços de saúde, de forma justa e humanizada. A enfermagem enfrenta, portanto, o grande desafio de atuar no acompanhamento das crianças com TEA, junto aos seus familiares.

Finalmente, a enfermagem vem fazendo esforços para integrar as pessoas com TEA, no sentido de melhorar a abordagem nas instituições de saúde. No entanto, apesar dos avanços significativos na política de saúde voltada às pessoas com TEA, o Sistema Único de Saúde (SUS) ainda precisa superar muitos obstáculos, e com isso buscar avançar mais nas políticas de saúde mental e priorizar os serviços comunitários em detrimento dos hospitais e postos de saúde psiquiátricos.

Referências

APAE-Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. **Lei Romeo Mion é um importante passo para o reconhecimento dos direitos dos Autistas**. Assistente de Comunicação, Marketing e Eventos, APAE-Curitiba, Publicado em 4 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://apaecuritiba.org.br/lei-romeo-mion/>. Acesso em: 05 de mar. de 2024.

AUSTRIACO, K., ABAN, I., WILLIG, J; KONG, M. Conhecimento do trainee contemporâneo sobre autismo: quão preparados estão nossos futuros provedores? **Frontiers in Pediatrics**, 7, 165, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fped.2019.00165>. Acesso em: 03 de abr. de 2024.

BARBOSA, Divina Gomes Costa; SILVA, Laryssa Layane Alves da; BRANDÃO, Mayra Leilane Ferreira. Importância Da Identificação Precoce Do Transtorno Do Espectro Autista (Tea) Pelo Enfermeiro Na Consulta Depuericultura. **JNT Facit Business and Technology Journal**, n.46. Vol. 03. Págs. 196-234.

BECKER, Luana. **Lei Romeo Mion: Quais os direitos de uma pessoa com autismo?** JusBrasil, 2021. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/lei-romeo-mion/820978416>. Acesso em: 02 de mar. de 2024.

FERREIRA, T. L.R; THEIS, L.C. A atuação do Enfermeiro na assistência a crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Saúde e Desenvolvimento, Curitiba**, v. 15, n. 22, p. 85-98, 2021.

FREITAS, Ana Cláudia Barretto Urquiza et al. Transtorno do espectro autista: caminhos para o diagnóstico. **Caderno Discente**, v. 7, n. 1, p. 12-18, 2022. Disponível em: <https://revistas.esuda.edu.br/index.php/Discente/article/download/850/326>. Acesso em: 02 de mar. de 2024.

HOFZMANN, R. R. Experiência dos familiares no convívio de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Enferm. Foco, Brasília**, v. 2, n. 10, p. 64-69, 2019.

HOPF, Kathleen Pillsbury; MADREN, Eric; SANTIANNI, Kirsten A. Uso e percepção da eficácia da medicina alternativa e complementar para tratar e controlar os sintomas do autismo em crianças: uma pesquisa com pais em uma população comunitária. **Revista de Medicina Alternativa e Complementar**, v. 22, n. 1, p. 25-32, 2016. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4739350/>. Acesso em: 29 de nov. de 2023.

MAGALHÃES, Juliana Macêdo et al. Vivências de familiares de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 42, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200437>. Acesso em: 05 de dez. de 2023.

NASCIMENTO A. dos S.; GOMES A. M.; SANTOS B. C. da C.; NEVES W. C.; BARBOSA J. de S. P. Atuação do Enfermeiro na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica**

Acervo Enfermagem, v. 19, p. e10523, 7 jul. 2022. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/enfermagem/article/view/10523>. Acesso em: 03 de abr. de 2024.

NICOLETTI, Maria Aparecida; HONDA, Fernanda Ramaglia. Transtorno do Espectro Autista: uma abordagem sobre as políticas públicas e o acesso à sociedade. **Infarma Ciências Farmacêuticas**, 2021. Pp.117-130. Disponível em: DOI: 10.14450/2318-9312.v33.e2.a2021. Acesso em: 03 de mar. de 2024.

NUNES, A. K. A. et al. Assistência de enfermagem à criança com autismo. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 11, p. e86991110114-e86991110114, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/10114>. Acesso em 18 set. 2023.

RENDON, Daniela de Cássia Sabará et al. Convivência com filhos com transtorno do espectro autista: desvelando sentidos do ser-aí-mãe. **Revista Baiana de Enfermagem**, 2019; e31963–3. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1098707>. Acesso em: 29 de mar. de 2024.

SOUSA, B. S. A. A enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar. **Saúde e Pesquisa, Maringá**, v. 11, n. 1, p. 163-170, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.17765/2176-9206.2018v11n1p163-170>. Acesso em: 05 de abr. de 2024.

VANDERLEY, Larissa Driele da Silva. A atuação do assistente social na política de saúde mental: o autismo em questão. 2021, (Defesa de Conclusão de Curso), Curso de Graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió/AL, 2021.

VIANA, D. G. et al. Atuação do Enfermeiro com mães de crianças com transtorno do espectro autista: Uma revisão integrativa. **Revista CPAQV–Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida** | Vol, v. 13, n. 2, p. 2, 2021. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/amz3ms62frer5abt4bniqnsab4/access/wayback/> <http://www.cpaqv.org/revistaCPAQV/>. Acesso em 18 set. 2023.

ZAFEIRIOU, Dimitrios I.; VERVERI, Athena; VARGIAMI, Euthymia. Autismo infantil e comorbidades associadas. **Cérebro e desenvolvimento**, v. 29, n. 5, p. 257-272, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.braindev.2006.09.003>. Acesso em: 9 de dez. de 2023.